



João De Mio: um poeta construtor

Fernando Antonio Fontoura Bini¹

A feição plástica da cidade de Curitiba deve muito aos imigrantes alemães e italianos que aqui chegaram ainda no século XIX. Apesar de terem vindo com eles profissionais formados para trabalhos específicos nas áreas de engenharia e construções, o autodidatismo sempre foi muito forte, pois somente em 1962/1963 será criado o primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Paraná.

João De Mio (Falcade, Itália, 1879 – Curitiba, 1971) foi um desses imigrantes que veio da região do Vêneto, na Itália, cuja família talvez estivesse buscando aquele *Eldorado* descrito pelos poetas românticos europeus. De Mio chega ao Brasil com oito anos e em Curitiba com nove anos de idade. Mesmo criança, ele já soube comparar os fatos históricos, as passagens da sua própria vida, difícil no começo, com fatos literários e poéticos.

Essas famílias de imigrantes, mesmo humildes, em sua maioria cultivavam as artes e tinham uma formação estética, tentavam procurar a beleza em tudo o que viam. Um episódio narrado por De Mio demonstra claramente isto. Diz ele que quando leu *O Guarany*, de José de Alencar, ou então quando assistiu à ópera *Il Guarany*, de Carlos Gomes, a cena da “Ave Maria” (“Salve, o possente Vergine”, Primeiro Ato, cena 4) lhe fez lembrar os primeiros dias de Brasil, ainda na floresta de Luiz Alves (SC), ouvindo a família e os amigos cantando o *Angelus* numa pequena capela rústica.

Foi um autodidata em tudo. Teve uma formação primária, mas em seguida, aos treze anos, precisou ajudar o pai como servente de pedreiro. Trabalhou também na agricultura, mas nos horários disponíveis lia e estudava e, como ele mesmo disse, “trabalhando para viver e estudando para melhorar, sem mestres, sem apoio e sempre com minguados recursos, me atirei para a luta não deixando de estudar particularmente, com livros bons que me ensinavam a viver com o sentimento do belo e do nobre, e que fossem práticos e úteis à minha existência” (DE MIO, 2001).

De aprendiz de pedreiro, tornou-se construtor, sonhando com a arquitetura, “a talvez mais nobre profissão que existe”, segundo ele. Com as leituras dos clássicos, conheceu a obra de Vitrúvio (*De Architectura*), de Palladio (*Quattro Libri dell'Architettura*) e de Vignola (*Regola delle Cinque Ordini di Architettura*). Gostava de literatura, música e poesia e nos faz lembrar de outras famílias de imigrantes italianas que também cultivavam as artes, como os Turins e os De Bona, estes também originários da Província de Belluno. Igne di Longarone, da família De Bona, é muito próximo das Dolomitas, por sua vez próximas de Falcade, região dos De Mio, e Feltre não está longe dali. No Brasil, as famílias foram amigas.

A partir de suas memórias e de suas pesquisas, contribuiu muito para uma história da imigração e dos imigrantes no estado do Paraná. Legou seu testemunho sobre os primeiros engenheiros a construir uma nova Curitiba. Por exemplo, trabalhou como construtor em obras como as de Ernesto Guaita (1843–1915) e de Eduardo Fernando Chaves (1892–1944), sendo que este último foi um dos responsáveis pela verticalização da cidade. O programa era embelezar Curitiba. Fez isso com vontade científica, mas também com espírito

¹ Professor de História da Arte da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da Universidade Federal do Paraná, e crítico de arte. Membro do Círculo de Estudos Bandeirantes — CEB.

poético. Com o seu trabalho na construção civil, teve a oportunidade de interferir arquitetonicamente em algumas obras e assim participar do ecletismo curitibano com a expressão neoclássica, imprimindo em suas obras o que lhe seria o modelo original que acreditava ter guardado na memória.

Quando construtor para o engenheiro italiano Ernesto Guaita, fez essa interferência na fachada e no interior do Palácio Giuseppe Garibaldi (1932), na praça de mesmo nome em Curitiba; quando trabalhando com Eduardo Chaves, interferiu também numa das joias da arquitetura daquela época: o Instituto, mas, principalmente, a Capela Santa Maria (1939), hoje importante espaço cultural e sede da Camerata Antiqua de Curitiba. Ainda como projeto arquitetônico, é seu também o prédio do Círculo de Estudos Bandeirantes (1945) e, com certeza, foi na fachada e em alguns aspectos do seu interior que ele pôde exaltar toda a sua poesia clássica originada das leituras de Palladio e Vignola.

São inúmeras as obras em que João De Mio trabalhou como construtor, muitas delas fazendo também o projeto arquitetônico, seja na cidade de Curitiba ou no estado do Paraná. Destacando em síntese estas três obras, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e o Círculo de Estudos Bandeirantes prestam sua homenagem ao arquiteto e construtor da sua sede própria em 1945, *Cavaliere dell'Ordine della Stella della Solidarietà Italiana* (1952) e Cidadão Honorário de Curitiba (1961).

Referências

DE MIO, Lívio B. João de Mio. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, n. 15, p. 23-37, set. 2001.

ESPIRAIS DO TEMPO: Bens tombados do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FERRARINI, Sebastião. **Círculo de Estudos Bandeirantes Documentado**. Curitiba: Champagnat, 2011.

IMAGUIRE Jr., Key. **Arquitetura do imigrante italiano**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978. (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, v. 24).

SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem: Ecletismo, Moradia e Modernidade na Curitiba do Início do Século 20**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.



Figura 1 — Construção do Centro de Estudos Bandeirantes
Fonte: Acervo do Centro de Estudos Bandeirantes.